

AS ESCRITURAS DE DEUS, AS ESCRITURAS DE JOÃO: O DIVINO NO COTIDIANO EM BAGAGEM, DE ADÉLIA PRADO

Amanda Moreira da Silva
Mestranda em Estudos de Linguagens no CEFET-MG
Jornalista formada pela UFMG
E-mail: amanda3bh@yahoo.com.br

Resumo:

A proposta neste trabalho é analisar poemas da primeira obra de Adélia Prado buscando compreender neles a relação entre campos imaginários das instâncias do sagrado e do profano. Para tal, o suporte teórico terá como base o contraste entre as duas dimensões, proposto por Mircea Eliade (1989), a concepção de imaginário, apresentada por Gilbert Durand (1997), e a noção de formação discursiva e suas implicações na formação de sentidos, como exposto por Eni Orlandi (2003). Será feita, então, a leitura de quatro poemas selecionados de *Bagagem* (1976), expondo as complexas ligações entre sagrado e profano no estilo da poetisa, que, ao experimentar as relações entre os níveis da natureza e da graça, aponta traços de sua formação identitária.

Palavras-chave: Literatura brasileira; poesia; Adélia Prado; imaginários; formação discursiva; sagrado.

Introdução

Porque que tudo que invento já foi dito nos dois livros que eu li: as escrituras de Deus, as escrituras de João. Tudo é Biblias. Tudo é Grande Sertão.
(PRADO, 2011, p. 25).

Adélia Prado é um dos fortes nomes da literatura contemporânea brasileira. Nascida em Divinópolis (MG) em 1935, cursou o Magistério e Filosofia, casou-se e teve filhos antes de seus poemas começarem a ser publicados, aos quarenta anos de idade. Com grandes rastros confessionais em seus versos, desde seu primeiro livro, *Bagagem* (1976), o feminino, o cotidiano, a espiritualidade e os ares interioranos ficam marcados em sua escrita.

Como aponta o crítico Affonso Romano de Sant'Anna no prefácio da coletânea *Coração Disparado* (1979), segunda obra da autora, entre os poetas contemporâneos, ao contrário da ode aos amantes, parece que só Adélia tem parceiro e filhos, cuida da casa, do quintal, da horta. Ela valoriza a vida em suas coisas pequenas e mais simples, com uma lírica longe de ser proporcionalmente pequena e simplória.

Foi o crítico que enviou os escritos de Adélia, ainda não publicados, a Carlos Drummond de Andrade, que em outubro de 1975 publicou uma crônica, no *Jornal do Brasil*,

enaltecendo o trabalho da até então desconhecida Adélia Prado. Foi lá que ficou registrado “Adélia é lírica, bíblica, existencial” (ANDRADE, 2005, p. 71).

É a interseção desses traços dos versos da poetisa em seu primeiro livro - o cotidiano, como matéria-prima de sua inspiração, e a religiosidade recorrente, estabelecendo um diálogo entre a literatura e sua tradição cristã, católica – que abordaremos neste trabalho. Para tal, será preciso trilhar um caminho pela criação de imaginários, entender algo da dinâmica entre sagrado e profano, e chegar à noção de formação discursiva.

1 Imaginários e o lugar do sagrado e do profano

O campo do imaginário é essencial na tessitura da trama das produções de sentido, e pode ser definido a partir de diversas vertentes. Mas antes de chegarmos às esferas linguísticas, é válido destacar o conceito na concepção antropológica de Gilbert Durand, que entende o imaginário como o “conjunto das imagens e das relações de imagens que constitui o capital pensado do *homo sapiens*” (1997, p.14).

É nesse campo que seremos capazes de distinguir quais imagens podem ser relacionadas com quais de forma coerente. Nos propósitos deste trabalho, quais tem laços com as esferas do sagrado, quais são próprias das dimensões do profano.

Segundo Appiah (1991), a modernidade transformou cada elemento do real em um signo, disponível para compra e venda. Isso afetou até áreas tidas como de instância privada da vida, como a religião, que passou a fazer parte da economia. Mesmo com as diversas expressões materiais de fé, as mais fortes relações entre homem e sua espiritualidade tem fonte e apresentam-se no imaginário, ambos campos compreensíveis, mas não de modo definido e sistemático, como Durand reforça quando afirma que “o imaginário, nas suas manifestações mais típicas (o sonho, o onírico, o rito, o mito, a narrativa da imaginação etc.) e em relação à lógica ocidental desde Aristóteles, quando não a partir de Sócrates, é alógico” (DURAND, 2011, p. 87).

Uma ponderação importante é destacar a diferença entre imaginação e imaginário. Ana Maria Lisboa de Mello, em *Poesia e imaginário* (2002), argumenta que imaginação implica em movimento, uma imagem que leva a pensar em outra, enquanto o imaginário pode ser tido como fornecedor de imagens, e “situa-se também além das imagens, é sempre algo mais do que suas imagens” (p. 72).

Em *O sagrado e o profano: a essência das religiões*, Mircea Eliade (1989) caracteriza sagrado e profano como duas situações existenciais assumidas pelo homem. Assim sendo, é no campo das imagens – e além das imagens – que os contornos dessas situações tomam

forma. Para Eliade, para entender tais contornos é preciso compreender as diferenças que envolvem o homem primitivo e o moderno.

Religioso, no sentido de religado ao sagrado, o homem primitivo vive em comunhão com a dimensão existencial compreendida como transcendente, tida como uma realidade absoluta. Nessa relação, o Cosmos foi criado por deus (es). Essas divindades revelam-se aos homens por meio da vida cósmica, fazendo com que suas ações e comportamentos sejam lidos como ricos em exemplaridade. Viver no Cosmos significa viver em comunicação com a(s) divindade(s). O homem religioso vê símbolos por todos os lados, até o gesto mais corriqueiro pode se tornar um ato espiritual. Eliade (1989, p. 76) afirma que “o homem religioso é sedento de ser”.

Já o homem moderno pode ser caracterizado como não-religioso, porque aparentemente se desconectou do sagrado, não atenta mais para religação. Por isso, em contraste, vive na condição profana, de homem-natural, não santificado. Logo, permanece cego para o espírito. Esse homem moderno não aceita modelos de humanidade fora da condição humana, recusa-se à transcendência. Ele toma a realidade como relativa e chega a duvidar do sentido da existência. Para ele, “o Cosmos se torna opaco, inerte, mudo; não transmite nenhuma mensagem, não é portador de nenhuma cifra” (idem, p. 186).

Dadas tais diferenças, ficam mais claros os contornos das duas dimensões. Algo essencial do sagrado é que essa instância manifesta-se no profano para revelação aos homens, em hierofania. O homem só pode conhecer o sagrado por conta dessas suas manifestações reveladoras. Sendo assim, para se alcançar o sagrado não se deve abandonar o profano, esse mundo natural, das experiências, já que é exatamente nele que o sagrado se manifesta.

É aqui que um paradoxo entra em cena. “Manifestando o sagrado, um objeto qualquer torna-se *outra coisa* e, contudo, continua a ser *ele mesmo*, porque continua a participar do meio cósmico envolvente” (Eliade, 1989, grifo do autor). O extraordinário se vale das máscaras do ordinário para se manifestar, como em uma camuflagem do sagrado, mas o natural não passa a ser divino por conta disso. Pedras e árvores podem revelar o sagrado aos olhos do homem religioso, mas essas mesmas pedras e árvores não deixam de fazer parte da realidade do Cosmos. “Não se trata de uma veneração da pedra como pedra, de um culto da árvore como árvore, mas justamente porque são hierofanias, porque ‘revelam’ algo que já não é nem pedra, nem árvore, mas o sagrado” (Idem).

Em sua tese sobre o sagrado nas obras de Manoel de Barros e Mia Couto, Maria Baseio aponta que

[...] enquanto o profano diz respeito ao mundo cotidiano, da mesmice, da vida ordinária, o sagrado apresenta-se como algo extra-ordinário. O sagrado toca algo profundo e essencial do homem, ultrapassando, portanto, o conhecimento positivo, sendo uma categoria da sensibilidade, para além da razão (BASEIO, 2007, p.15).

Por fim, vale destacar a etimologia das palavras, para a compreensão do universo religioso. A palavra “sagrado” significa “separado”, e “profano” significa “fora do templo” (ELIADE, 1989). Uma das definições para a segunda refere-se ao “que é próprio do mundo material em oposição aos valores espirituais”¹. O teólogo Francis Schaeffer (2014) atribui uma das origens do homem moderno a Tomás de Aquino, no século XIII, com a distinção de natureza e graça, cada uma em um nível diferente, sendo a natureza o nível inferior, englobando as coisas terrenas e visíveis, e a graça no nível superior, no qual estão as coisas celestes e invisíveis. O descolamento e a autonomia dos níveis contribui para a oposição entre os valores do sagrado e do profano.

2 Sentidos e formação discursiva

Se é no campo do imaginário que as imagens são significadas e as relações entre elas são construídas, um conceito que pode nos auxiliar a compreender o que perpassa essas construções é o de formação discursiva, que pode ser definida “como aquilo que numa formação ideológica dada - ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada - determina o que pode e o que deve ser dito” (ORLANDI, 2003).

Nessa noção, a ideologia é definida como a interpretação de sentidos em certa direção, sendo que tal interpretação é determinada pela relação da linguagem com a história em seus mecanismos imaginários (ORLANDI, 1996). Sendo assim, aqui a ideologia não corresponde à ocultação de sentidos, mas é a base sobre a qual são estabelecidas relações necessárias entre a linguagem e o mundo.

Seguindo esse pensamento, as palavras não são carregadas de sentido nelas mesmas. Os sentidos são surgem das formações discursivas nos quais as palavras estão inseridas. No discurso, as formações ideológicas são representadas pelas formações discursivas, e o sentido será determinado ideologicamente. A ideologia produz seus efeitos no discurso, materializa-se nele. A posição de quem emprega as palavras também está presente na produção de seus sentidos.

¹ DICIONÁRIO AULETE *On-line*. Disponível em: <<http://aulete.com.br/>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

A formação discursiva, então, não é só o lugar de constituição do sentido, mas também da identificação do sujeito, já que “é nela que todo sujeito se reconhece (...) e, ao se identificar, o sujeito adquire identidade” (ORLANDI, 2001). A formação discursiva não é um bloco homogêneo que funciona automaticamente, pelo contrário; é construída na contradição, é heterogênea e com fronteira fluida (ORLANDI, 2003). “O sujeito se constitui por uma interpelação - que se dá ideologicamente pela sua inscrição em uma formação discursiva” (idem).

3 Análise

Se o sentido das palavras e a identidade do sujeito vão ter como base sua ideologia, cujo funcionamento depende do campo imaginário, é possível então observar como as dimensões do sagrado e do profano são construídas na poesia de Adélia Prado, tomando sua primeira obra, *Bagagem* (1976) como objeto de análise.

Os poemas em *Bagagem* são distribuídos em quatro grandes seções: “O modo poético”, diretamente relacionado ao fazer poético; “Um jeito e amor”, de uma temática relacionada ao eros; “A sarça ardente” – I e II, ligadas às excursões da memória, e “Alfândega”, composta de um único poema, como contraponto à bagagem do título.

A composição da poesia pradiana constantemente estabelece relações entre os símbolos das duas esferas opostas, do profano e do sagrado. A primeira das seções é aquela na qual tais relações mais ficam aparentes, como em “O dia da ira”:

O dia da ira

As coisas tristíssimas, o rolomag, o teste de Cooper, a mole carne tremente
entre as coxas, vão desaparecer quando soar a trombeta.
Levantaremos como deuses, com a beleza das coisas que nunca pecaram,
como árvores, como pedras, exatos e dignos de amor.
Quando o anjo passar,
o furacão ardente do seu vôo vai secar as feridas,
as secreções desviadas dos seus vasos e as lágrimas.
As cidades restarão silenciosas, sem um veículo: apenas os pés de seus
habitantes reunidos na praça, à espera de seus nomes.
(PRADO, *Bagagem*, 2011, p. 24)

O “dia da ira” do título pode ser lido, no campo religioso, como o dia do julgamento, do juízo final, presente no acontecimento do apocalipse, de acordo com a interpretação judaico-cristã. O “soar da trombeta” faz parte do imaginário do sagrado, do anúncio do fim dos tempos.

Por outro lado, o rolomag - aparelho para exercícios físicos, popular nos anos 70 -, o teste de Cooper – com a finalidade de medir o condicionamento aeróbico -, e “a mole carne trememente entre as coxas” – de conotação erótica – são próprias do campo imaginário do profano. As coisas tristíssimas do mundo visível e carnal entram em contraste com aquelas do nível invisível e espiritual.

Se após o soar da trombeta os santos levantarão “como deuses, com a beleza das coisas que nunca pecaram”, seguindo a lógica dos contrastes, a condição atual, de pecadores, é desprovida de tal beleza plena. É ela que almeja-se alcançar, e só concretiza-se quando as imagens do sagrado arrebata as do profano.

Aos olhos do eu-lírico, todas as coisas tristíssimas, as lágrimas e feridas, serão restauradas nesse encontro, na redenção final. No lugar do temor comum às narrativas do fim dos tempos, no poema há uma expectativa em relação a tal momento, como observamos no último verso, com “os pés de seus habitantes reunidos na praça, à espera de seus nomes”. Também é possível observar relações entre as duas instâncias no poema que dá nome à seção:

O modo poético

Quando se passam alguns dias e o vento balança as placas numeradas na cabeceira das covas e bate um calor amarelo sobre inscrições e lápides, e quando se olha os retratos e se consegue dizer com límpida voz:
ele gostava deste terno branco e quando se entra na fila das viúvas, batendo papo e cabo de
sombriinha, é que a poeira misericordiosa recobriu coisa e dor, deu o retoque final.
Pode-se compreender de novo que esteve tudo certo, o tempo todo e dizer sem soberba ou horror: é em sexo, morte e Deus
que eu penso invariavelmente todo dia.
É na presença d’Ele que eu me dispo e muito mais, d’Ele que não é pudico e não se ofende com as posições no amor.
Quando tudo se recompõe,
é saltitantes que vamos
cuidar de horta e gaiola.
A mala, a cuia, o chapéu
enchem o nosso coração
como uns amados brinquedos reencontrados.
Muito maior que a morte é a vida.
Um poeta sem orgulho é um homem de dores, muito mais é de alegrias.
A seu cripto modo anuncia, às vezes, quase inaudível
em delicado código:
‘Cuidado, entre as gretas do muro está nascendo a erva...’
Que a fonte da vida é Deus, há infinitas maneiras de entender.
(PRADO, *Bagagem*, 2011, p. 79)

Ao longo do livro, a cor amarela está comumente relacionado à memórias caras ao eu-lírico, aqui, colorindo a visita ao túmulo do pai, em “Metamorfose” (idem, p. 47), a lembrança de um dia com ele (“O que mais quente e amarelo pode ser, era o sol, um dia de pura luz”), e a lembrança do sublime ao fim do obituário em “Tarja” (idem, p. 54) (“No domingo amarelo passa o chapéu florido. / A poesia, a mais ínfima, é serva de esperança”), por exemplo. A morte, o corpo corruptível nessa esfera profana, permeia muitos dos registros confessionais de Adélia.

Enquanto em “O dia da ira” o sagrado encontra o profano para transformá-lo, em um ultimato, em “O modo poético” as duas dimensões coexistem, o que fica explícito no trecho “é em sexo, morte e Deus / que eu penso invariavelmente todo dia”. Nesse poema é revelada a relação de intimidade do eu-lírico com o divino. “É na presença d’Ele que eu me dispo e muito mais”, uma presença que não tem barreiras, mesmo que a relação ainda seja dada na dimensão do profano.

O último verso, “Que a fonte da vida é Deus, há infinitas maneiras de entender”, pode nos remeter à noção da hierofania, da revelação do sagrado aos homens. O poeta poderia ser quem está mais sensível a perceber tais revelações, como alguém atento ao “delicado código”, identificando o extraordinário em meio ao trivial.

Em “Os lugares comuns” um dos textos da segunda seção do livro, “Um jeito e amor”, é possível notar não só como o profano pode apontar para o sagrado, mas como, o eu-lírico condiciona lógicas de uma instância à outra:

Os lugares comuns

Quando o homem que ia casar comigo chegou a primeira vez na minha casa, eu estava saindo do banheiro, devastada de angelismo e carência. Mesmo assim, ele me olhou com olhos admirados e segurou minha mão mais que um tempo normal a pessoas acabando de se conhecer.
Nunca mencionou o fato.
Até hoje me ama com amor de vagarezas, súbitos chegares.
Quando eu sei que ele vem, eu fecho a porta para a grata surpresa.
Vou abri-la como o fazem as noivas e as amantes. Seu nome é: Salvador do meu corpo.
(PRADO, *Bagagem*, 2011, p. 89)

Com foco nas manifestações do amor como eros, essa seção traz vários traços da relação da poetisa com o marido, com quem já estava casa há vinte anos na época da publicação de *Bagagem*. O poema destacado trata, inicialmente, da conquista, das sensações da descoberta do interesse, das características da personalidade que podem ser evidenciadas nas pistas deixadas no convívio preliminar. Quando a relação é solidificada, há a

oportunidade de contrapor tais vestígios com o que sobressaiu após anos de constância, confirmando ou contrastando o que sobressaiu na sedução.

De certa forma, seria possível relacionar esse conhecimento em escalada gradual, intensificado pela intimidade, com a hierofania, mas o interessante neste poema é como o eu-lírico atribui ao noivo, ao amante, uma característica de ordem no sagrado, expondo no último verso “Seu nome é: Salvador do meu corpo”.

“Salvador”, aqui, ainda encontra-se com letra maiúscula, uma marcação comum na tradição judaico-cristã para diferenciar uma significação que faz referência ao divino, como em “senhor” e “Senhor”, por exemplo. No imaginário do sagrado, “Salvador”, então, seria aquele que liberta a alma da perdição. No poema, o eu-lírico apropria-se dessa correspondência, trazendo-a ao campo do profano, ao vinculá-la à relação erótica entre os apaixonados.

No último dos poemas destacados neste trabalho, “A flor do campo”, pertencente à seção “Sarça Ardente I”, que valoriza as memórias de Adélia relacionadas aos pais e à infância. É válido destacar a epígrafe escolhida para tal seção, “Uma chama de fogo saía do meio de uma sarça que ardia sem se consumir” (idem, p. 103), retirada do livro de Êxodo das escrituras bíblicas, e a significação construída. As memórias, frágeis como a sarça, mas que, quase que por uma obra miraculosa, queimam continuamente. Voltemos ao poema:

A flor do campo

Mais que a amargosa pétala mastigada, seu aspro odor e seiva azeda, a lembrança antiga das camadas do sono: há muito tempo, foi depois da missa, eu e mais duas tias num caminho, as pernas delas na frente, com meia grossa e saias.

No ar os cheiros do mato, as palavras cordiais, o céu pra onde íamos, azul, conforme as palavras de Nosso Senhor, os lírios do campo, olhai-os, a flor do mato, a infância.

(PRADO, *Bagagem*, 2011, p. 114)

O texto reafirma as chamadas da memória que seguem queimando, e o eu-lírico destaca o lado sublime que permanece após a passagem do tempo. E é em meio a essas recordações, dos cheiros do mato e das palavras cordiais, que aparecem “as palavras de Nosso Senhor, os lírios do campo, olhai-os”.

Olhai os Lírios do Campo é título de um romance de Érico Veríssimo - publicado em 1931 e possivelmente lido por Adélia -, mas, pela menção a “Nosso Senhor”, o mais provável

é que, pela formação discursiva, o sentido esteja ligado a um discurso proferido por Jesus, relatado nos evangelhos, no qual a mensagem central é de confiança e descanso.

O fato da autora não ter dedicado nenhum esforço a explicitar o contexto dessa inserção pode indicar certa familiaridade do eu-lírico com os sentidos apresentados, sendo algo usual em seu cotidiano. Com “os lírios do campo, olhai-os” inseridos de forma natural em meio ao céu azul e à infância, sem nenhum quebra ou diferenciação entre o nível superior e inferior, uma possível conclusão é que a mescla entre sagrado e profano é nada mais que corriqueira para o eu-lírico.

Considerações finais

Em cada um dos quatro poemas selecionados para este trabalho é destacada uma configuração diferente da relação entre sagrado e profano que Adélia Prado estabelece através do material simbólico que forma as imagens e suas redes de significação nos imaginários próprios das duas dimensões. Mesmo no ápice dos símbolos do profano, o corpo, como materialização do (e no) mundo visível, Adélia ainda assim passeia entre uma instância e outra.

Seja no contraste que expõe a necessidade de transformação, na coexistência que permite a revelação do divino no âmbito do secular, na transposição de sentidos legitimados em uma instância à outra, ou na trivialidade em saltar de um domínio para o outro, a autora preenche seu lirismo de ricos símbolos que convidam o leitor a mergulhar em seu mundo ao mesmo tempo tão cotidiano, secular e profano quanto misterioso, divino e sagrado.

Já que, como Orlandi (2003) argumenta, a formação discursiva é o lugar no qual o sujeito se reconhece, constituindo seu sentido e sua identificação, podemos arguir, dada a grande carga confessional de seus escritos em *Bagagem*, que nesses poemas Adélia de fato faz um convite a seu mundo, que é também daqueles que se identificam com busca pela compreensão da transitoriedade humana entre os domínios do sagrado e do profano, na condição de homens modernos que ainda dialogam, de alguma forma, com o primitivo.

Como no trecho apresentado na epígrafe deste trabalho, “Porque que tudo que invento já foi dito nos dois livros que eu li: as escrituras de Deus, as escrituras de João. / Tudo é Bíblias. Tudo é Grande Sertão”, o diálogo entre o que é do imaginário do âmbito da graça e o que é da natureza não é apenas constante, mas encontra-se no cerne da identidade do eu-lírico, formando a base de sua posição ideológica.

Em entrevista ao jornal Descubra Minas, Adélia foi perguntada sobre a importância da religião em seu trabalho e em sua vida, já que a fé aparece constantemente em suas poesias. A

réplica da poetisa sintetiza o motivo de relações tão complexas entre os imaginários de campos aparentemente tão distintos terem espaço em seus escritos: “A fé é vital para minha vida e sendo para minha vida, necessariamente entra para a obra, porque não se escreve ‘do nada’, mas a partir da experiência. Como diz Guimarães Rosa: ‘literatura é vida’. Concordo até os ossos”².

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. De Animais, santo e gente. In: *Poesia Sempre*, ano 13, n. 20. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2005.

APPIAH, Kwame Anthony. *Is the Post in Post-Modernism the Post in Post-Colonial?* In: *Critical Inquiry*, v. 17, n. 2. Chicago: The University of Chicago Press, 1991. p. 336-357.

BASEIO, Maria A. F. *Entre a Magia da Voz e a Artesania da Letra: o sagrado em Manoel de Barros e Mia Couto*. 2007. 274 f. Tese (Doutorado em Estudos Comparados em Literatura de Língua Portuguesa), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

DESCUBRA MINAS. *Adélia Prado*; Mar. 2011. Disponível em: <http://www.descubraminas.com/Cultura/EntrevistaDetalhe.aspx?cod_entrevista=1637>

Acesso em: 05 fev 2017

DICIONÁRIO AULETE *On-line*. Disponível em: <<http://aulete.com.br/>>. Acesso em: 12 fev 2017.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Lisboa: Livros do Brasil, 1989

MELLO, Ana Maria Lisboa de. *Poesia e imaginário*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: As formas do discurso*. 4ª ed. São Paulo: Pontes, 1996.

_____. *Discurso e Leitura*. 6ª ed. Campinas, SP: Cortez, 2001.

_____. *Análise de Discurso*. 5ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

PRADO, Adélia. *Bagagem*. 31ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

SANT'ANNA, Affonso Romano. Adélia: a Mulher, o Corpo e a Poesia. In: PRADO, Adélia. *Coração Disparado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1979.

SCHAEFFER, Francis. *A Morte da Razão*. 2ª. ed. Viçosa: Ultimato, 2014.

² DESCUBRA MINAS. *Adélia Prado*. Mar. 2011. Disponível em: <http://www.descubraminas.com/Cultura/EntrevistaDetalhe.aspx?cod_entrevista=1637> Acesso em: 05 fev 2017